

# INFORMATIVO DA FRENTE PARLAMENTAR DO SETOR QUÍMICO, PETROQUÍMICO E PLÁSTICO DO BRASIL

“Não existe país forte sem Indústria Química,  
Petroquímica e Plástico Competitiva”

Deputado Federal Vanderlei Siraque

Informativo da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade da Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, Ano II, nº LX

## Eleições: Competitividade e abertura econômica marcam debate sobre indústria

Os caminhos para o ganho da competitividade da indústria no mercado global e a abertura da economia brasileira foram o centro do debate no seminário “A Indústria Brasileira na Política Econômica do Próximo Governo”, na manhã de quarta-feira (24/09), em São Paulo (SP). Participaram do evento Alessandro Teixeira, coordenador do programa de governo de Dilma Rousseff; Maurício Rands, coordenador do programa de governo da candidata do PSB, Marina Silva, e Armando Castelar, da equipe econômica do candidato do PSDB, Aécio Neves. O presidente do conselho diretor da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) e CEO da Braskem, Carlos Fadigas, falou na abertura dos trabalhos. O evento foi promovido pelo jornal Valor Econômico.

O objetivo do seminário foi debater com representantes dos principais candidatos à Presidência da República o cenário atual do setor, as razões que provocaram o atual quadro, como revertê-lo, qual o papel que a indústria pode desempenhar na retomada de um crescimento econômico maior do país, no reequilíbrio da balança comercial, na criação e distribuição de renda.

Houve consenso de que a competitividade da indústria local precisa ser recuperada com urgência. A forma de atingir essa meta, no entanto, foi ponto de discordância. O governo da presidenta Dilma promete redobrar a aposta na atual política industrial - fundada, entre outros pontos, na promoção do conteúdo nacional. A oposição aposta menos em medidas específicas para um ou outro setor e alicerça suas soluções no rearranjo da política macroeconômica e em reformas microeconômicas.

O deputado Vanderlei Siraque (PT/SP), presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade da Cadeia Produtiva do Setor Químico Petroquímico e Plástico do Brasil, acompanhou atentamente o evento. Na avaliação do parlamentar, as posições de cada um dos três principais postulantes ao Palácio do Planalto foram muito claras e refletiram a visão político-econômica de cada candidatura.

“As propostas do representante da campanha da presidenta Dilma para o setor foram claras aos reafirmar o compromisso de garantir o desenvolvimento econômico com a continuidade da inclusão social para todas as pessoas”, disse Siraque. Segundo ele, as propostas dos outros candidatos carecem de um toque de realidade ao não levar em consideração o quadro econômico mundial e as especificidades do setor no Brasil. Para Siraque, o representante da candidatura do PSDB defende claramente a redução dos salários, a precarização do trabalho e a retirada da proteção à indústria nacional, além da diminuição do poder do Estado. “Isso significa, também, reduzir recursos para a Saúde, a Educação e outras áreas sociais”, avaliou o parlamentar. Para Siraque, o representante da candidatura do PSB ficou em cima do muro, sem assumir compromissos factíveis com a atual realidade do setor.

Carlos Fadigas afirmou que o crescimento médio da indústria de transformação brasileira, entre 2000 e 2012, foi de 1% ao ano, contra 10% na China, 7% na Índia e 4% na Rússia, sempre na mesma comparação. Segundo o executivo, os números mostram a menor competitividade do setor manufatureiro nacional. Ele lembrou ainda que de 2003 a 2013 as vendas do varejo cresceram em taxa que foi praticamente o dobro da elevação da produção industrial, o que mostra que boa parte a



Representantes dos presidentiáveis debatem os caminhos da política industrial no próximo governo

elevação da demanda interna, resultado da política de elevação de consumo, vazou para o exterior. Para Fadigas, abertura sem antes ganhar competitividade ampliará o processo de desindustrialização.

Na indústria química especificamente, disse Fadigas, a taxa de utilização, que era de 86% de 2003 a 2007, caiu para 82% entre 2008 e 2014. A balança comercial da indústria manufatureira no ano passado, afirma ele, teve déficit de US\$ 105 bilhões no ano passado. Na

indústria, química, diz Fadigas, o déficit foi de US\$ 32 bilhões.

“Isso mostra a dificuldade de concorrer com o importado e de exportar competitivamente.”

O coordenador do programa de governo da campanha da presidenta Dilma Rousseff, Alessandro Teixeira, optou por demarcar as diferenças de política industrial do governo e das candidaturas de oposição. Segundo ele, é um modelo que leva em conta a indústria nacional em oposição a outro que prega a abertura econômica, a qual pode levar à “destruição da indústria brasileira”.

Ao discutir a importância do papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na retomada do processo produtivo brasileiro, Teixeira disse que o Banco poderia ter uma participação mais agressiva no processo de internacionalização das empresas. O ex-presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex) defendeu, no entanto, a atuação do banco, ao dizer que a participação do BNDES na economia brasileira é “fundamental” como sustentáculo de desenvolvimento industrial.

Teixeira repeliu as acusações de falta de foco e de clareza. Ele destacou a política de conteúdo nacional e o crédito dos bancos públicos ao setor como base da política industrial. “Se as medidas adotadas para indústria no governo atual não tivessem sido tomadas, teríamos um mercado interno sendo absorvido pelas importações”, disse, destacando que a discussão sobre a alta das importações frente à produção nacional só é possível hoje porque o mercado interno se fortaleceu no governo da presidenta Dilma.

Maurício Rands, coordenador do programa de governo da candidata do PSB, Marina Silva, defendeu a redução do papel do banco, ao afirmar que é preciso uma reforma do mercado de crédito no Brasil, reduzindo o IOF e os depósitos compulsórios, de forma a permitir que o crédito venha também dos bancos privados. “Não queremos substituir o BNDES, pois ele tem papel importante. Mas o Brasil não pode depender só do BNDES”, afirmou Rands. Segundo Rands, o acesso ao BNDES e também aos bancos públicos tem que ser feito de modo mais “transversal” e “transparente”. “É preciso democratizar o acesso ao crédito dos bancos públicos”, disse.

Para Armando Castelar, da equipe econômica do candidato do PSDB, Aécio Neves, não é preciso “ter vergonha de subsídio”, o problema é que temos um “caminhão deles”. Segundo ele, os subsídios chegam a 0,7% do Produto Interno Bruto (PIB), ou cerca de 1% do PIB se incluído o PSI. “Em vez de se usar o capital humano do BNDES para fazer coisas novas, se faz conta movimento, contabilidade criativa e se sacrifica o mercado de capitais, que não compete com juro real negativo do banco”, disse. “E tudo isso porque não há uma política fiscal robusta, porque o governo compensa o risco do nanogerenciamento com juro negativo”.

## Mercado de gás natural precisa de segurança no abastecimento e preços competitivos



“É hora de enfrentarmos os obstáculos” - José de Freitas Mascarenhas.

O gás natural é um insumo estratégico para o crescimento da indústria e da economia brasileira. Mas, enquanto outros países apostam no aumento da produção, no Brasil há uma série de obstáculos que desestimulam os investimentos e consumo do combustível. Essa foi uma das conclusões do seminário “Agenda da Indústria para a Competitividade do Gás Natural”, na segunda-feira (22/09), em São Paulo (SP). O presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade da Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, deputado federal Vanderlei Siraque, participou do evento. Para o parlamentar, não adianta somente reclamar do “shale gas” (gás de xisto) americano. “É necessário adotarmos uma política de preços compatível com a utilizada pelos nossos concorrentes diretos”, disse Siraque. A redução da tarifa de energia e de matérias-primas, especialmente do gás natural, para que possamos ter competitividade como os EUA, por exemplo.

“É hora de enfrentarmos os obstáculos”, alertou o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José de Freitas Mascarenhas. Segundo ele, a insegurança em relação ao abastecimento e os elevados preços do gás no país, que chegam a representar mais do que o dobro do cobrado nos EUA, tiram a competitividade da indústria nacional, especialmente de setores como os de alumínio, celulose e cerâmico.

Embora tenha elevadas reservas, o Brasil importa cerca de metade de todo o gás natural que consome. Só em 2013, o déficit na balança comercial do combustível atingiu o recorde de US\$ 6,9 bilhões. Além disso, o preço final para uma pequena ou média indústria pode alcançar US\$ 14 por milhão de BTU, mais que o dobro do praticado no mercado norte-americano. A elevada dependência das importações e a falta de preços

competitivos compromete os investimentos no Brasil, avaliou Paulo Pedrosa, presidente da Associação Brasileira dos Grandes Consumidores Industriais de Energia e Consumidores Livres (Abrace). “Precisamos enfrentar esses desafios no curto prazo”, destacou Pedrosa.

Durante o evento, organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres, Edmar Almeida, diretor de pesquisa do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse que os EUA conseguiram reduzir sua dependência de petróleo explorando gás de xisto e, em breve, serão exportadores do combustível. Hoje, a produção norte-americana de gás é 1,6 vezes maior que a de petróleo. “Outros países, como China e Austrália, estão seguindo o mesmo caminho”, lembrou o analista. Enquanto isso, completou Almeida, no Brasil, a produção de gás representa apenas 20% da de petróleo. A Abrace, fundada em 1984, é uma sociedade sem fins lucrativos que congrega grandes grupos industriais, de energointensivos a consumidores livres, que respondem por 20% de toda energia consumida no Brasil, ou seja, 45% do consumo de energia elétrica, e 40% da energia térmica da indústria brasileira. A associação integra o Conselho Mundial de Energia (WEC), da International Federation of Industrial Energy Consumers (IFIIEC) e da Associação Latino-Americana dos Grandes Consumidores Industriais de Energia (Interame). A Abrace, considerada a principal interlocutora organizada do setor, busca estruturar suas ações focada no desenvolvimento energético sustentável no país, sempre em sinergia constante com suas associadas.

A Associação acredita que a defesa da oferta de energia a preços competitivos é uma questão não apenas do setor energético, mas nacional. Afinal, suas associadas, além de pertencerem a diferentes áreas da indústria produtiva, como alumínio, cloro/soda, cimento, siderurgia, petroquímica, papel e celulose, vidros, fertilizantes, ferro-ligas, mineração, têxtil e gases, são responsáveis pela empregabilidade de milhões de brasileiros, têm inserção maciça no cotidiano dos cidadãos e contribuem decisivamente para o bom andamento da economia brasileira. (Com informações do Portal da Indústria)

## Abiplast e Plásticos em Revista promovem o 4º Seminário de Competitividade

O deputado Vanderlei Siraque (PT/SP), presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, participa na próxima terça-feira (30/09), em São Paulo (SP), do 4º Seminário de Competitividade “O futuro perfil da transformação brasileira de plástico”, promovido pela Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) e Plásticos em Revista. O evento terá dois focos temáticos principais: o balanço dos últimos quatro anos para os maiores mercados consumidores de plástico e as expectativas para o cenário econômico após as eleições presidenciais.

O seminário terá a participação do ex-ministro Delfim Netto, conselheiro de diversos presidentes, junto com Maurício Rands, ex-secretário de governo de Pernambuco e Marco Bonomo, professor titular do Insper e com livro publicado sobre finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O debate sobre o funcionamento do setor plástico nos últimos quatro anos e as expectativas para o futuro próximo serão dissecadas no seminário por meio dos balanços de três mercados que agem como sensores da economia. 1) Alimentos – com apresentações de Getúlio Ursulino Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Chocolate, Cacau e Amendoim, Balas e Derivados, e Davide Botton, dirigente da Polo Films; 2) Construção Civil, com apresentações de Paulo Melo, diretor da Odebrecht Realizações Imobiliárias, e Vinícius Miranda de Castro, executivo da Tigre; 3) Indústria



Automobilística – com apresentações de Luiz Carlos Mello, presidente do Centro de Estudos Automotivos, e Marcos Ribeiro, presidente da Unipac.

O seminário terá as participações especiais de José Ricardo Roriz Coelho, presidente da Abiplast/Sindiplast e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp); Carlos Fadigas, presidente do Conselho diretor da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) e CEO da Braskem; e Luciano Guidolin, vice-presidente

de poliolefinas, vinílicos e renováveis da Braskem.

Os interessados em participar do 4º Seminário de Competitividade podem fazer a inscrição pelo site: <http://www.plasticosemrevista.com.br/index.php/ficha-de-inscricao>. Associados Abiplast, Abief, Adirplast, CSMAip, Instituto do PVC, INP, Plastivida, Siresp e Think Plastic Brazil terão 10% de desconto. Mais de duas inscrições por empresa também obterão 10% de desconto.

Confira a programação completa no site da ABIPLAST - [http://www.abiplast.org.br/ eventos/iv-seminario-competitividade/20140819095451\\_O\\_806](http://www.abiplast.org.br/ eventos/iv-seminario-competitividade/20140819095451_O_806)

**4º Seminário de Competitividade "O futuro perfil da transformação brasileira de plástico"**  
Data: 30 de setembro de 2014  
Horário das 8h às 18h  
Local: hotel Meliá Paulista, av. Paulista, 2.181, São Paulo (SP)

Brasília/DF: Câmara dos Deputados – Anexo III – Gabinete 574 – CEP: 70160-900 / Tel (61) 3215-5574 – Fax (61) 3215-2574 Tel(11) 4427-6588 –

Fax(11) 2324-0555 dep.vanderleisiraque@camara.gov.br – siraque@siraque.com.br – www.siraque.com.br

frente@quimicopetroplastico.com.br - www.frentequimicopetroplastico.com.br

Alexandre Toledo Deputado PSDB/AL / Antônio Imbassahy Deputado PSDB/BA / Arnaldo Jardim Deputado PPS/SP / Arthur O. Maia Deputado PMDB/BA / Cândido Vaccarezza Deputado PT/SP / Carlos Zarattini Deputado PT/RS / Edson Santos Deputado PT/RJ / Fernando Marroni Deputado PT/RS / Francisco Chagas Deputado PT/SP / Givaldo Carimbão Deputado PSB/AL / José Otávio Germano Deputado PP/RS / Luiz Alberto Deputado PT/BA / Manuel D'Ávila Deputada PC do B/RS / Marco Maia Deputado PT/RS / Newton Lima Deputado PT/SP / (Paulão) Paulo Fernando dos Santos Deputado PT/AL / Paulo Abi-Ackel Deputado PSDB/MG / Renan Filho Deputado PMDB/AL / Renato Moling Deputado PP/RS / Ronaldo Zülke Deputado PT/RS